

Para além do Quarto Distrito: a territorialidade do movimento comunista em Porto Alegre (1918 a 1930)

Beyond the Quarto Distrito: the territoriality of the communist
movement in Porto Alegre (1918-1930)

Frederico Duarte Bartz*

Resumo: O presente artigo busca compreender os espaços de organização e mobilização dos militantes comunistas em Porto Alegre entre os anos 1918 e 1930. A cidade de Porto Alegre foi um importante núcleo do movimento operário, onde foi criado um dos primeiros grupos comunistas do Brasil, a União Maximalista, em 1918. A atuação dos militantes criou uma territorialidade na capital gaúcha, com a ênfase da atuação do PCB em determinadas áreas da cidade, como o Quarto Distrito, região caracterizada pela presença do proletariado fabril. Essa situação muda a partir do final dos anos 1920, com a criação do Bloco Operário e Camponês, quando a ação militante se estende para várias regiões da cidade. Essa expansão da territorialidade comunista tem um fim abrupto nos primeiros meses de 1930, quando uma intensa repressão desarticula o movimento.

Palavras-chave: comunismo, movimento operário, territorialidade.

Abstract: This article seeks to understand the spaces of organization and mobilization of communist militants in Porto Alegre between 1918 and 1930. The city of Porto Alegre was an important nucleus of the labor movement, where one of the first communist groups in Brazil was created, the União Maximalista, in 1918. The action of the militants created a territoriality in the capital of Rio Grande do Sul, with an emphasis on the presence of the PCB in certain areas of the city, such as the Quarto Distrito, a region characterized by the presence of the

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Técnico em assuntos educacionais na UFRGS. E-mail: duarte_frederico@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7995-340X>.

factory proletariat. This situation changed from the end of the 1920s, with the creation of the Bloco Operário e Camponês, when the militant action spread to several regions of the city. This expansion of communist territoriality came to an abrupt end in the first months of 1930, when intense repression dismantled the movement.

Keywords: Communism, Workers' Movement, Territoriality.

Considerações iniciais

OBJETIVO DESTE ARTIGO é analisar os lugares de organização e de mobilização do movimento comunista na cidade de Porto Alegre entre os anos 1918 e 1930. O recorte inicial se vincula à fundação da União Maximalista de Porto Alegre, em novembro de 1918, que foi uma das organizações que deu origem ao PCB em 1922, e a data final se justifica pelo processo de repressão ao Bloco Operário e Camponês, que foi particularmente violenta a partir de fevereiro de 1930, o que desarticulou os militantes que atuavam na capital gaúcha. Ao longo do texto, analiso onde se localizavam as sedes do Grupo Comunista de Porto Alegre, os locais de reunião dos sindicatos e de outras organizações sob sua influência, assim como trajetos públicos promovidos pelo partido, delimitando uma territorialidade específica do movimento comunista, assim como suas mudanças ao longo dos anos em análise.

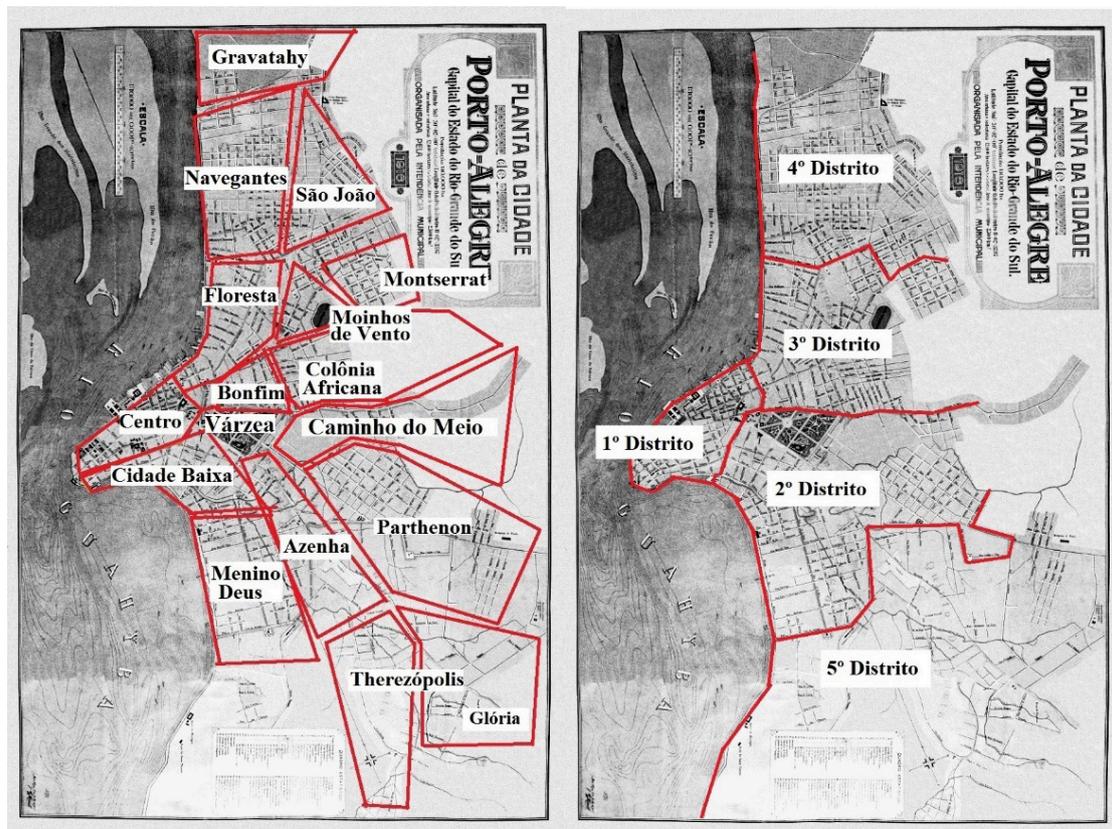
É importante ressaltar que a análise dos locais de organização e mobilização tem como premissa a intencionalidade da ação comunista no espaço urbano. Neste texto, não estou tratando apenas das delimitações oficiais do território realizadas pelo poder público, tanto em relação às fronteiras do município de Porto Alegre quanto aos recortes administrativos dentro da cidade, como era o caso do Quarto Distrito, que coincidia com a área de expansão industrial e das moradias operárias a partir dos anos 1910. Aqui se trata de compreender uma territorialidade própria do movimento operário, que é construída com a ocupação de espaços durante os movimentos grevistas, a escolha de determinados endereços para servirem de sede partidária ou sindical ou com a escolha de determinadas ruas pelas quais devem seguir as passeatas operárias.

A relação entre classe trabalhadora, território e ação coletiva já foi abordada por estudos do campo da história e da sociologia do trabalho, principalmente da Europa. O sociólogo britânico Mike Savage,¹ por exemplo, chamou a atenção para a importância que as redes de relações sociais tiveram para a formação da classe trabalhadora na Inglaterra; essas redes possuíam diferentes dinâmicas espaciais, desde as redes densas das pequenas comunidades operárias até as redes extensas, que ligavam diferentes grupos e localidades. Nesse último caso, ganha relevo o papel dos sindicatos e de outras instituições, estreitando e cimentando laços de solidariedade. O historiador espanhol Jose

1 SAVAGE, Mike. Espaço, redes e formação de classe. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 6-33, jan./jun. 2011.

Luis Oyón Bañales,² por sua vez, destaca o papel do espaço urbano para a conformação da classe trabalhadora. Valendo-se de exemplos de diversas cidades europeias na primeira metade do século XX, o autor mostra como as relações estabelecidas no âmbito urbano foram importantes para um operariado que vivia em diferentes contextos, como nas zonas centrais, nos bairros fabris ou nas cidades periféricas. Um desses fatores foi o desenvolvimento de um associativismo que tinha no local de moradia e em sua vizinhança um importante elemento de agregação.³

Mapa esquemático e aproximado dos antigos arrabaldes e limites dos distritos a partir da planta da cidade de Porto Alegre de 1918.



A perspectiva de compreender o território como um elemento importante para a formação dos grupos sociais também está presente em estudos recentes realizados no Brasil, especialmente na área da geografia, como pode ser visto na pesquisa de Daniele Machado Vieira⁴ sobre os territórios negros em Porto Alegre. A autora analisa as regiões onde vivia, trabalhava e se organizava a população negra a partir da agência dessa comunidade, do seu protagonismo, rompendo com a noção que caracteriza esses espaços apenas a partir

2 BAÑALES, José Luis Oyón. Historia urbana y historia obrera: reflexiones sobre la vida obrera y su inscripción en el espacio urbano. *Historia Contemporánea*, Bilbao, p. 11-58, n. 24, 2002.

3 Ibidem, p. 58.

4 VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios negros em Porto Alegre/RS (1880-1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. p. 34-49.

da exclusão. Outro estudo que ajuda a pensar essas questões é a pesquisa de Amir El Hakim de Paula,⁵ que analisa a relação entre o Estado e os sindicatos sob uma perspectiva territorial. Para o autor, a territorialidade dos sindicatos se baseia em afinidades e busca construir uma rede de relações de solidariedade para obter melhores resultados para os associados: “Entendemos, então, territorialidade como uma estratégia territorial, uma ação no território buscando um objetivo político-social ou econômico sem necessariamente que se consuma uma posse efetiva do território”.⁶

No caso do presente estudo, trata-se de uma territorialidade constituída ativamente pelo movimento comunista, cujos desenhos no mapa se justificam por questões econômicas, por conta da densidade populacional, pelo sistema de transporte, por questões étnicas, mas, principalmente, por escolhas políticas, com o objetivo de potencializar a ação dos militantes entre a classe trabalhadora. Dessa forma se constituiu o espaço comunista na capital gaúcha entre a segunda e a terceira década do século XX.

Os maximalistas e sua ação sindical na região do Quarto Distrito (1918-1922)

A HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO de um movimento comunista em Porto Alegre se inicia antes da fundação do Partido Comunista do Brasil, em 1922. A origem do grupo comunista de Porto Alegre está vinculada aos primeiros impactos da Revolução Russa no movimento operário local e à ação do militante Abílio de Nequete. Em 1917, entre julho e agosto, ocorreu uma Greve Geral caracterizada por uma intensa participação operária, com a cidade sendo paralisada e controlada pela Liga de Defesa Popular, organização criada por militantes anarquistas para elaborar as reivindicações e coordenar a paralisação. Em meio àquela intensa mobilização, também começavam a chegar as primeiras notícias da Revolução Russa, servindo como exemplo e incentivo para as manifestações dos trabalhadores.⁷

Entre os impactados pela Revolução Russa estava o barbeiro libanês Abílio de Nequete. O imigrante ficou muito impressionado com os ataques xenofóbicos sofridos pelos alemães quando o Brasil declarou guerra às potências centrais, por isso resolveu interferir nas manifestações populares para melhor orientá-las. Durante a Greve Geral, o imigrante decidiu participar das atividades, aderindo à Liga de Defesa Popular e se tornando o gerente do seu jornal, *A Epocha*. Um dos fatores que deve ter ajudado Nequete a se tornar uma pessoa importante no contexto das mobilizações grevistas foi o fato de ele ser um trabalhador letrado, que tinha uma grande carga de leitura e que (provavelmente) possuía um amplo leque de

5 PAULA, Amir El Hakim. **A relação entre o Estado e sindicato sob a perspectiva territorial**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015. p. 31-41.

6 Ibidem, p. 40.

7 SILVA JR., Adhemar Lourenço. A Greve Geral de 1917 em Porto Alegre. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 5, p. 183-205, jul. 1996; BARTZ, Frederico Duarte. **O horizonte vermelho**: o impacto da revolução no movimento operário do Rio Grande do Sul (1917-1920). Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 79-94.

contatos por conta de sua barbearia. Sua loja estava localizada na região central da cidade, na esquina da rua dos Andradas (a principal e mais antiga via de Porto Alegre) com a rua Senhor dos Passos; na sua barbearia, inclusive, ficava a redação do *A Época*.⁸

Depois da Greve Geral, o movimento teve um considerável recuo, principalmente por conta das disputas entre militantes anarquistas e republicanos na Liga de Defesa Popular. Enquanto essas disputas ocorriam no seio da Liga e da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), Abílio de Nequete ficava cada vez mais interessado nas notícias que vinham da Europa. Nequete era um livre-pensador e um leitor ávido; além disso, tinha uma profunda admiração pela cultura russa, por conta dos vínculos religiosos de sua família no Líbano, que era de orientação grego-ortodoxa. Depois da vitória dos bolchevistas e da tomada do poder pelos soviets na Rússia, em novembro daquele ano, ele passou a se identificar com o bolchevismo, organizando reuniões nos fundos de sua barbearia para discutir os rumos da guerra e da revolução. Esses encontros eram acompanhados por um grupo muito heterogêneo de pessoas, de soldados a profissionais liberais. Em dezembro de 1917, ele distribuiu panfletos entre militares de baixa patente em nome de um Grupo de Operários e Soldados Brasileiros, incentivando-os a unir os seus interesses aos dos trabalhadores, o que resultou na sua prisão por um breve período.

O ano 1918 foi muito importante para a trajetória de Nequete e para o futuro do movimento comunista, pois ele passou a militar na União Operária Internacional junto aos anarquistas, que estavam em franca disputa com os sindicalistas moderados ligados ao Partido Republicano. Os militantes libertários tiveram sucesso em sua disputa, conseguindo estender sua influência sobre a Federação Operária a partir de agosto de 1918, mas a relação de Nequete com seus camaradas não era nada pacífica. Um dos motivos era religioso, pois o barbeiro bolchevista era espírita (religião à qual ele havia se convertido em 1916) e os anarquistas eram ateus.⁹ Para Nequete, sua religião não era conflitante com o bolchevismo, pois, na concepção do militante, os comunistas deveriam abrir caminho para uma espiritualidade sem superstições e sem os preconceitos de classe. Em novembro ocorreu o rompimento com os anarquistas e a criação da União Maximalista de Porto Alegre.

A União Maximalista foi fundada por Abílio de Nequete, Otávio Hengist e Francisco Merino em 1º de novembro de 1918. Seu panfleto inaugural se chamava *Do Canhão à Peste* e fazia um apelo contra as más condições de vida da classe trabalhadora, que sofria pela pobreza e pelos efeitos da gripe espanhola.¹⁰ Os maximalistas (uma tradução em língua portuguesa para o termo bolchevistas) também faziam a defesa da Revolução Russa e de seu significado para

8 BARTZ, Frederico Duarte. Abílio de Nequete e sua atuação como liderança política durante a formação do movimento comunista brasileiro (1917-1924). *Humanitas Hodie*, Bogotá, v. 4, n. 2, p. 1-25, 2022.

9 SCHIMIDT, Benito Bisso. O deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 113-123, 2001.

10 PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. “**Que a União Operária Seja Nossa Pátria!**”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Santa Maria: Editora da UFSM, 2001. p. 352-356.

a classe trabalhadora. A fundação da União Maximalista não significou apenas uma mudança organizativa para Abílio de Nequete e seus companheiros; ela foi também acompanhada de uma mudança territorial.

Em 1918, Nequete se mudou para a rua Conde de Porto Alegre, n. 55 (post., n. 368), onde também passou a funcionar a sua barbearia e a sede da União Maximalista.¹¹ A região escolhida para ser sua nova moradia ficava no Quarto Distrito, uma vasta área ao norte da avenida Cristóvão Colombo e da rua Almirante Barroso, que era a zona de expansão industrial de Porto Alegre. O Quarto Distrito havia sido desmembrado do Terceiro Distrito para constituir-se em uma região administrativa própria em 1915, atestando a importância do avanço econômico dessa região.¹² Ali ficavam os arrabaldes de Navegantes e de São João, que posteriormente seriam associados com a paisagem fabril.¹³

É possível que essa nova localização tenha influenciado também o conteúdo do manifesto *Do canhão à peste*, que denunciava as péssimas condições sanitárias em que vivia o proletariado fabril. Durante os meses de novembro e dezembro de 1918, a Federação Operária e a União Metalúrgica participaram de uma campanha de distribuição de alimentos e de remédios para a população mais pobre da cidade e um dos locais prioritários era, justamente, o Quarto Distrito. As entidades operárias realizaram as doações na sede dos metalúrgicos, na rua do Parque e no Teatro Hélios, na rua São Pedro, locais relativamente próximos da barbearia de Abílio de Nequete.¹⁴

No ano seguinte, em 1919, várias greves ocorreram na cidade de Porto Alegre, algumas com a participação ativa dos militantes da União Maximalista. Abílio de Nequete afirma em suas memórias¹⁵ que ele assumiu a organização da greve dos metalúrgicos que ocorreu

11 Ao longo do texto, os endereços antigos não são acompanhados dos endereços posteriores (post.), que são referência para a localização atual e cujas mudanças ocorreram a partir de 1926, por conta do aumento da população e da criação de novos logradouros. As modificações foram publicadas, sistematicamente, no jornal *A Federação*, de Porto Alegre, entre os meses de junho de 1927 e março de 1928.

12 Os distritos de Porto Alegre foram definidos a partir da criação e da regulamentação da Polícia Administrativa, em 1896, ficando cada uma dessas divisões a cargo de um subintendente investido de autoridade policial. O arrabalde (do árabe *ar-rabad*, arredor da cidade) é um termo para as regiões suburbanas, que, no caso de Porto Alegre, cresceram e se desenvolveram a partir da extensão das linhas de bonde durante os séculos XIX e XX. Essa divisão não era oficial, mas estava bastante presente na orientação espacial das pessoas, tanto que aparecem citadas em documentos oficiais mesmo sem ter limites claros. Essa organização era tão importante que foram os arrabaldes que deram origem aos atuais bairros da cidade. Sobre as divisões administrativas da capital, suas funções e mudanças na Primeira República, ver MAUCH, Claudia. **Dizendo-se autoridade: polícia e policiais em Porto Alegre, 1896-1928.** 2011. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. p. 48-66.

13 Alexandre Fortes mostra que essa região da cidade se desenvolveu a partir da chegada das fábricas e do estabelecimento de comunidades operárias. O autor aponta o ano de 1916, data da instalação da Fábrica de Tecidos Renner, como crucial para esse posterior desenvolvimento. Ver FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas.** Caxias do Sul: Educ; Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p.39-41.

14 **A Federação**, Porto Alegre, p. 6, 21 nov. 1918; p. 6, 25 nov. 1918; p. 6, 26 nov. 1918; p. 2, 6, 2 dez. 1918; p. 5, 5 dez. 1918.

15 Os cadernos de memória nunca foram publicados e suas informações foram divulgadas por pesquisadoras que tiveram acesso a eles, como Sílvia Petersen e Irene Haas Rosito. Ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Anotações das “Memórias de Abílio de Nequete”.** [s.d.]. 4 p. Datilografado; ROSITO, Maria Irene Haas. **O pensamento político de Abílio de Nequete.** Trabalho da Disciplina de Ciência Política do Bacharelado de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1972. 20 p. Datilografado.

entre os dias 13 de julho e 18 de agosto, um movimento vitorioso que resultou na adesão ao maximalismo de Carlos Toffolo e Milton Loff, que eram, respectivamente, presidente e vice-presidente da União Metalúrgica. Outra paralisação que contou com a participação dos maximalistas foi a dos carpinteiros e marceneiros, que resultou em um aumento salarial de 25% e na adesão do carpinteiro português Narciso Mirandola à organização.

Em relação à participação nesse movimento paredista, existem relatos contraditórios, como o do líder anarquista Friedrich Kniestedt.¹⁶ Ele afirma que teria organizado a greve dos marceneiros e carpinteiros e que esses teriam ajudado os metalúrgicos. O mais provável é que as duas categorias tenham colaborado nas paralisações, inclusive porque a União Metalúrgica e o Sindicato dos Marceneiros, Carpinteiros e Classes Anexas aparecem dividindo o mesmo prédio no arrabalde dos Navegantes, o salão da rua do Parque, n. 74 (post. n. 310).¹⁷ Essas categorias estavam bem representadas na região do Quarto Distrito, pois ali existiam as fábricas de móveis de Kappel, Arnt e Cia., a fábrica de Walter Gerdau, a Carpintaria Steigleder e a Fundação Phoenix (todas na rua Voluntários da Pátria).

A maior paralisação daquele ano, no entanto, foi a Greve Geral ocorrida entre os dias 25 de agosto e 11 de setembro. Durante essa greve, houve divergências na condução do movimento, que era hegemônico por diferentes grupos anarquistas e pelos maximalistas. O mais interessante é que essa divergência adquiriu também um caráter territorial: pela dificuldade de uma ação conjunta, as categorias se reuniam em diferentes endereços, com os tecelões se encontrando na avenida Germânia (atual avenida Cairu), nos Navegantes; os trabalhadores da Companhia da Força e Luz e da Telefônica, na Azenha, e outras categorias se encontravam na sede da Federação Operária, na rua Comendador Azevedo, no arrabalde da Floresta.¹⁸ Os anarquistas da Força e Luz e da FORGS rivalizavam entre si, enquanto os maximalistas se relacionavam de forma ambígua com ambos os grupos. Os próprios maximalistas também possuíam um território de atuação, pois sua influência recaía sobre a União Metalúrgica, que passou a se reunir também no Salão Düring, na avenida Brasil, n. 143 (post. n. 548), bem no coração do arrabalde dos Navegantes.¹⁹

A Greve Geral de 1919 terminou com uma intensa repressão a partir de 7 de setembro, quando um comício chamado pelo Sindicato da Força e Luz, em frente à Intendência, foi violentamente atacado pela Brigada Militar. Os três locais fechados pela polícia foram as sedes da Federação Operária (Floresta), do Sindicato da Força e Luz (Azenha) e da União Metalúrgica (Navegantes), o que reforça a percepção de uma divisão territorial da Greve de 1919. Depois dessa paralisação, Abílio de Nequete e os maximalistas passaram a colaborar com os anarquistas da Federação Operária, em um arranjo que acabou não se consolidando.

16 KNIESTEDT, Friedrich. **Memórias de um imigrante anarquista**. Trad. e org. de René Gertz. Porto Alegre: EST Edições, 1989. p. 122-130.

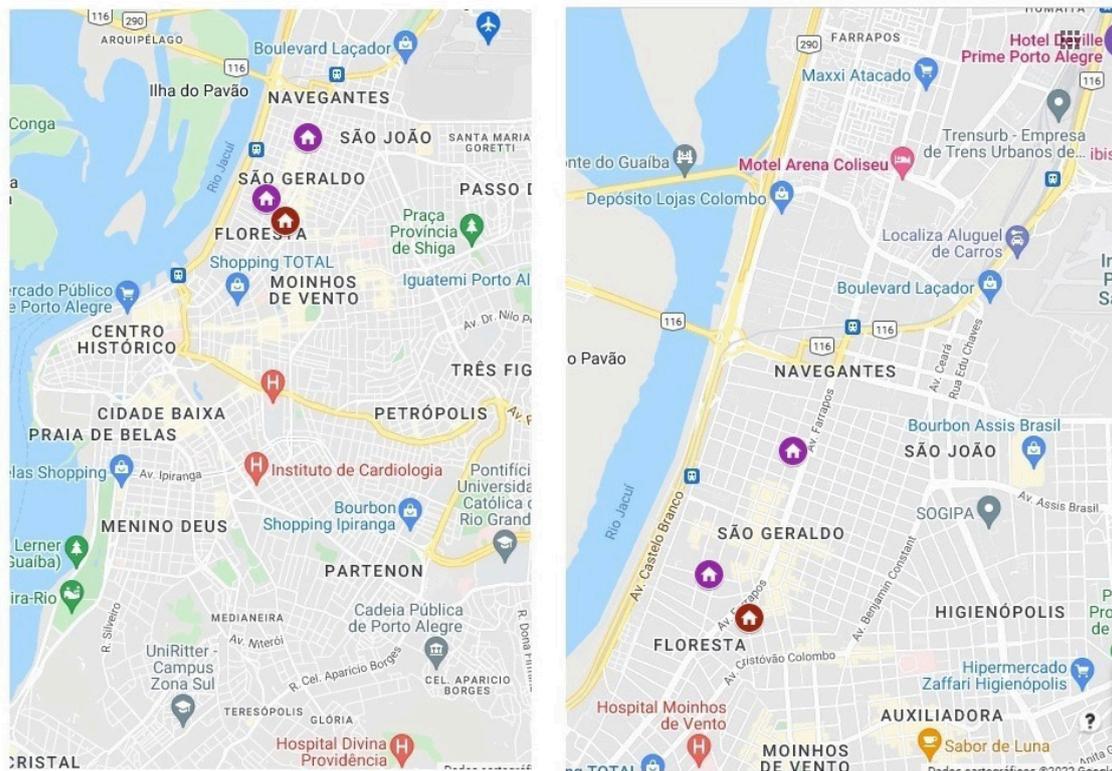
17 **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 4, 27 maio 1919; p. 3, 2 ago. 1919.

18 BARTZ, op. cit., 2017, p. 187.

19 Durante as paralisações, as reuniões do Comitê de Greve ocorriam no salão da avenida Brasil. Ver MOVIMENTO Associativo. **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 3, 2 ago. 1919.

No Congresso Operário Regional, de abril de 1920, anarquistas e maximalistas divergiram quanto à vinculação à Internacional Comunista, proposta por Nequete, ou à Internacional Apolítica de Berlim, proposta por Friedrich Kniestedt. A derrota da posição maximalista resultou no afastamento em relação à FORGS.²⁰

Locais de organização e mobilização do movimento comunista entre 1918 e 1922, com destaque para a área do Quarto Distrito, identificados no mapa atual de Porto Alegre a partir dos recursos Google My Maps.



 **União Maximalista**  **Sindicatos sob influência maximalista**

Abílio de Nequete procurou vincular a União Maximalista com o movimento comunista latino-americano, trocando correspondência com os socialistas uruguaios que capitaneavam uma dissidência em direção ao comunismo. A partir dessa troca de informações, os maximalistas também estabeleceram um canal com o Bureau Latino-Americano da Internacional Comunista (IC), sediado em Buenos Aires. Enquanto isso acontecia, grupos comunistas criados nos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo se articulavam para formar uma organização. Em 1921, a União Maximalista mudou seu nome para Grupo Comunista de Porto Alegre, mais de acordo com os preceitos da IC. No ano seguinte, Nequete foi chamado para comparecer à cidade de Montevidéu a fim de se reunir com Alexander Alexandrovsky, representante da Internacional Comunista na América Latina. Desse encontro, o líder maximalista saiu com a

20 PETERSEN, op. cit., 2001, p. 364-383.

tarifa de criar um Partido Comunista do Brasil, unindo os vários grupos que existiam dispersos no território nacional.²¹

A ação do Grupo Comunista de Porto Alegre e a territorialidade das comunidades imigrantes (1922-1927)

O PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL foi fundado em março de 1922, em Niterói, ficando Abílio de Nequete, do Grupo Comunista de Porto Alegre, como seu secretário-geral. A relação de Nequete com outros membros da direção do PCB, como Astrogildo Pereira e Everardo Dias, foi marcada por muitos conflitos, resultando no seu rompimento com o Comitê Central Executivo (CCE) e seu retorno para Porto Alegre.

Nessa época, o Grupo Comunista de Porto Alegre recebeu algumas novas adesões de militantes, entre os quais se destacava Samuel Speisky, um imigrante judeu da Bessarábia (atual república da Moldávia) que veio para a Argentina e depois imigrou para Porto Alegre, onde passou a cursar a Faculdade de Direito. Ele acabou se tornando o segundo nome na cadeia de comando dos comunistas que atuavam na capital. Esse primeiro grupo de militantes possuía uma forte presença de imigrantes ou de seus descendentes: além de Nequete e Speisky, faziam parte do núcleo dirigente o alfaiate Henrique Scliar (bessarábio), o mecânico Eduardo Budasewsky (filho de poloneses), o barbeiro Manoel Pereira (português), o metalúrgico H. Schondelmayer, o alfaiate Fritz Haberland, o professor Jean Heffner e W. Fremdling (todos alemães).²²

Apesar do crescimento, os primeiros anos de existência do PCB foram muito difíceis para os militantes de Porto Alegre. Além do rompimento com os anarquistas, o que se traduzia em uma disputa por espaços comuns, a repressão também fazia sentir seus efeitos. Em 5 de julho de 1922, eclodiu a Revolta Militar do Forte de Copacabana, que se desdobrou, posteriormente, na Revolta de 1924 e na Coluna Prestes. O presidente Artur Bernardes respondeu com a decretação do estado de sítio e com a abertura de campos de concentração para os rebeldes e para militantes operários no extremo norte do país. No Rio Grande do Sul, a oposição liberal ao presidente Borges de Medeiros também pegou em armas depois da quinta eleição do mandatário, iniciando a Revolução de 1923.

Além da crise política, esse período foi marcado também por uma crise econômica, pois ao crescimento industrial e à multiplicação do contingente operário, que haviam marcado o final da década anterior, seguiu-se um período de retração no qual as grandes empresas sobreviveram e incorporaram as menores, em um processo de concentração de

21 KAREPOVS, Dainis. **A esquerda e o Parlamento no Brasil: O Bloco Operário e Camponês (1924-1930)**. 2002. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. p. 26-39.

22 PEIXOTO, Artur Duarte. **Da organização à Frente Única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 61.

capitais.²³ Essa instabilidade econômica, crise política e o clima repressivo resultaram em uma dificuldade de ação e na dispersão do movimento operário na capital, principalmente das correntes anarquista e comunista, cenário que marcou o início da década de 1920.

Como indicado anteriormente, os primeiros anos do Grupo Comunista de Porto Alegre foram marcados pela ação nas comunidades imigrantes. No final do ano de 1922, chegava à capital gaúcha o alfaiate alemão Friedrich Haberland e sua família. Esse militante havia participado da Revolução Alemã de 1918 como uma das lideranças da Liga Espartaquista no distrito de Neukölln, em Berlin, aderindo, posteriormente, ao Partido Comunista Alemão (KPD).²⁴ Ao que tudo indica, sua vinda para o Rio Grande do Sul estava vinculada a uma tarefa organizativa entre os operários teuto-brasileiros, pois Haberland e seus filhos ingressaram na Associação de Trabalhadores Socialistas, liderada pelo militante anarquista Friedrich Kniestedt, com o objetivo de criar uma divisão entre os trabalhadores dessa organização. Em 1923, Haberland e seus filhos romperam com a associação para construir uma Célula Teuto-Comunista em Porto Alegre.²⁵

As principais ações dessa célula foram a fundação de uma Escola Moderna no arrabalde dos Navegantes, cuja sede ficava na rua Itália, n. 83 (post. rua Santos Dumont, n. 974)²⁶ e a criação de um jornal chamado *Die Befreiung (A Libertação)*. A escola²⁷ foi organizada por Jean Heffner, que já havia atuado em uma Escola Ferrer nos Navegantes durante os anos 1910. Antes disso, ele havia sido uma importante liderança do movimento anarquista alemão na década de 1890, destacando-se como um agitador e divulgador incansável das ideias libertárias. No início dos anos 1920, ocorreu sua adesão ao comunismo.²⁸ A vinda de Haberland e o recrutamento de Heffner são fortes indícios da importância da Célula Teuto-Comunista de Porto Alegre, pois eram militantes que, por sua história pregressa e experiência, deveriam servir como referência para a comunidade de operários de língua alemã na cidade.

A ação desse grupo foi marcada por uma violenta disputa com os anarquistas, especialmente com Friedrich Kniestedt, que atacou os comunistas por meio de seu jornal, *Der Freie Arbeiter*. O conflito na comunidade teuto-brasileira e a crítica constante dos anarquistas acabou dificultando a atuação dos comunistas no movimento operário da capital. Por conta da dificuldade de atuação no movimento operário local, Haberland retornou para a Alemanha

23 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985. p. 64-65; REICHEL, Heloisa Jochims. **A indústria têxtil do Rio Grande do Sul: 1910-1930**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 67-82.

24 Fritz Haberland. **Rosa Luxemburgo Stiftung**. Disponível em: <https://www.rosalux.de/stiftung/historisches-zentrum/rosa-luxemburg/fritz-haberland>. Acesso em: 12 set. 2022.

25 KNIESTEDT, op. cit., p. 31-149; PEIXOTO, op. cit., p. 60-61.

26 No caso da rua Itália, que foi incorporada à atual rua Santos Dumont, só foi possível realizar uma aproximação do endereço a partir do cálculo das distâncias e dos cruzamentos com informações contidas nos mapas e nos livros de impostos.

27 ESCOLA Moderna Navegantes. **Neue Deutsche Zeitung**, Porto Alegre, p. 3, 26 fev. 1923.

28 Quando Jean Heffner faleceu, em 1927, Rudolf Roecker escreveu uma longa homenagem em forma de artigo sobre a trajetória dele na Alemanha, destacando o impacto que esse militante teve em sua própria formação política. O texto foi publicado no jornal *Der Syndicalist*, de Berlin e reproduzido no *La Protesta*, de Buenos Aires. Ver ROCKER, Rudolf. Jean Heffner. **La Protesta**, Buenos Aires, p. 2, 25 dez. 1927.

por um breve período, voltando para Porto Alegre, onde se integrou, definitivamente, ao PCB e às suas organizações a partir de 1924.

A ação comunista também se desenvolveu na comunidade judaica, formada, majoritariamente, por imigrantes vindos do Leste Europeu. Em março de 1924, foi criada a Liga Cultural Israelita, fundada por Samuel Speisky e que tinha entre seus primeiros membros o comunista Henrique Scliar. A associação funcionava na sinagoga da rua Henrique Dias, s/n (post. n. 73); seu objetivo era reunir a comunidade, promover debates, passeios, peças teatrais e montar uma biblioteca.²⁹ Diferentemente do que ocorria com a Célula Teuto-Comunista, que possuía uma vinculação com o KPD e o PCB, esse grupo não parecia ter uma ligação oficial com o movimento comunista. A liga, no entanto, acabou se tornando um ponto de encontro para os judeus progressistas, o que pode indicar que a influência comunista se dava a partir da ação dos seus membros fundadores, orientando a associação em uma perspectiva de esquerda.

Entre o final de 1923 e o início de 1924, o movimento comunista porto-alegrense passou por uma grande rearticulação. Ocorreu o rompimento de Abílio de Nequete com o PCB, ficando Samuel Speisky como sua principal liderança. Em seus cadernos de memórias, escritos na década de 1940, Nequete justificou seu afastamento por conta da decepção com o movimento operário internacional, depois da derrota do Partido Trabalhista nas eleições britânicas. O PCB, nesse mesmo período, abriu um processo de expulsão contra Nequete, fruto da relação conflituosa que ele estabeleceu com o Comitê Central do Partido e com outros militantes.³⁰ Independentemente de qual tenha sido o processo (expulsão ou afastamento voluntário), esse rompimento parece ter levado o Grupo Comunista de Porto Alegre a redefinir suas formas de ação. No início de 1924, foi criada a União dos Ofícios Vários (UOV), uma entidade guarda-chuva para reunir e organizar diversas categorias de trabalhadores sob hegemonia comunista; também foi lançado o jornal *Martelo e Foice/Hammer und Sichel*, um periódico bilíngue em português e alemão, que servia para divulgar notícias internacionais, notas sobre condições de vida, textos doutrinários e atividades sindicais.

A partir desse jornal, podemos saber que a União dos Ofícios Vários organizou, inicialmente, reuniões para pedreiros, carpinteiros e metalúrgicos, depois para diversas outras categorias (trabalhadores em eletricidade, em fábricas de tecido, ferroviários, funcionários públicos, trabalhadores portuários), no Salão Hoffmann, na rua do Parque, n. 74 (post. n. 310),

29 Sobre a vinculação da liga com militantes de esquerda, ver AGUIAR, Airan Militistsky. **Saudações de um mundo novo: o Clube de Cultura e o progressismo judaico em Porto Alegre.** 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 71-76. O autor apenas se equivoca com a data, apontando para uma possível fundação da liga em 1922, quando, na verdade, isso ocorreu em 1924. Ver ESTATUTOS da Liga Cultural Israelita. **A Federação,** Porto Alegre, p. 7, 13 mar. 1925.

30 Ver PETERSEN, op. cit., 2001; ROSITO, op. cit. Quanto aos conflitos com o Comitê Central do PCB, Nequete afirma ter acusado todos os seus membros de anarquistas, enquanto Octávio Brandão afirma (em termos bastante agressivos) que o imigrante libanês apenas foi um estorvo para a organização operária no Rio Grande do Sul. Ver BRANDÃO, Octávio. **Octávio Brandão (depoimento de 1977).** Rio de Janeiro: CPDOC, 1983. p. 83.

no arrabalde dos Navegantes. Além das reuniões, a UOV também promoveu uma quermesse com “divertimentos populares e infantis”,³¹ em janeiro de 1925, na chácara de Germano Petersen, entre os arrabaldes da Floresta, Montserrat e São João. Nesse período, a gerência do jornal ficava a cargo de Samuel Speisky, na rua Gen. João Telles, n. 40 (post. n. 268), no arrabalde do Bonfim, passando depois para W. Fremdling, na rua Felicíssimo de Azevedo, n. 41 (próximo do atual n. 359), no arrabalde de São João.³²

Observando-se os locais de reunião, de organização e de confraternização do grupo de Porto Alegre, pode-se dizer que eles estavam vinculados com a territorialidade dos grupos imigrantes onde os comunistas tinham penetração. A gerência do jornal, indicada como endereço de Samuel Speisky, ficava bem próxima da sede da Liga Cultural Judaica, no Bonfim, uma região que se caracterizava pela presença da comunidade israelita. O Salão Hoffmann, na rua do Parque, ficava próximo da Escola Moderna Teuto-Comunista e esses dois endereços, assim como a chácara de Germano Petersen e a casa de W. Fremdling, inseriam-se no Quarto Distrito, onde vivia um grande número de alemães e seus descendentes.³³

As reuniões setoriais organizadas pela União dos Ofícios Vários, nos primeiros meses de 1925, repercutiram entre os trabalhadores dos bondes da Companhia da Força e Luz, que deflagraram uma greve no mês de abril daquele ano. As assembleias ocorriam no Salão Hoffmann, na rua do Parque, até o momento em que essa seção da UOV se desdobrou na União dos Empregados da Força e Luz. A nova entidade logo passou a se reunir na Lomba do Cemitério, n. 1B (post. avenida Professor Oscar Pereira, n. 22), no arrabalde da Azenha. Durante a greve, houve uma cisão na entidade, com a formação de um Grêmio Independente dos Empregados da Força e Luz, que rompeu com a União dos Ofícios Vários e se vinculou à Liga dos Operários Republicanos, desarticulando a paralisação.³⁴ Não deixa de ser interessante notar que a nova entidade, ao sair do Quarto Distrito, onde os comunistas tinham uma maior penetração, acabou por afastar-se também da influência do PCB.

Essa territorialidade restrita em algumas regiões da cidade não era uma característica exclusiva do movimento comunista. Durante os anos 1920, a ação dos anarquistas também se concentrou em algumas regiões específicas. A Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) e a maioria dos sindicatos associados, nessa mesma época, localizavam-se na Colônia Africana e nos Navegantes.³⁵ Durante o ano 1925, por exemplo, a FORGS tinha sua sede na rua do Parque, n. 112 (post. n. 460), enquanto a União dos Ofícios Vários se

31 OPERÁRIOS e Operárias Cômicos de Classe/Klasse Bewusste Arbeiter und Arbeiterinnen. **Martelo e Foice/Hammer und Sichel**, Porto Alegre, p. 1, 31 dez. 1924.

32 MARTELO e Foice/Hammer und Sichel. Porto Alegre, p. 1, 3, 7 jun. 1924; p. 3, 2 jul. 1924; p. 3, 8 ago. 1924; p. 1, 31 dez. 1924; p. 1, 8 fev. 1925.

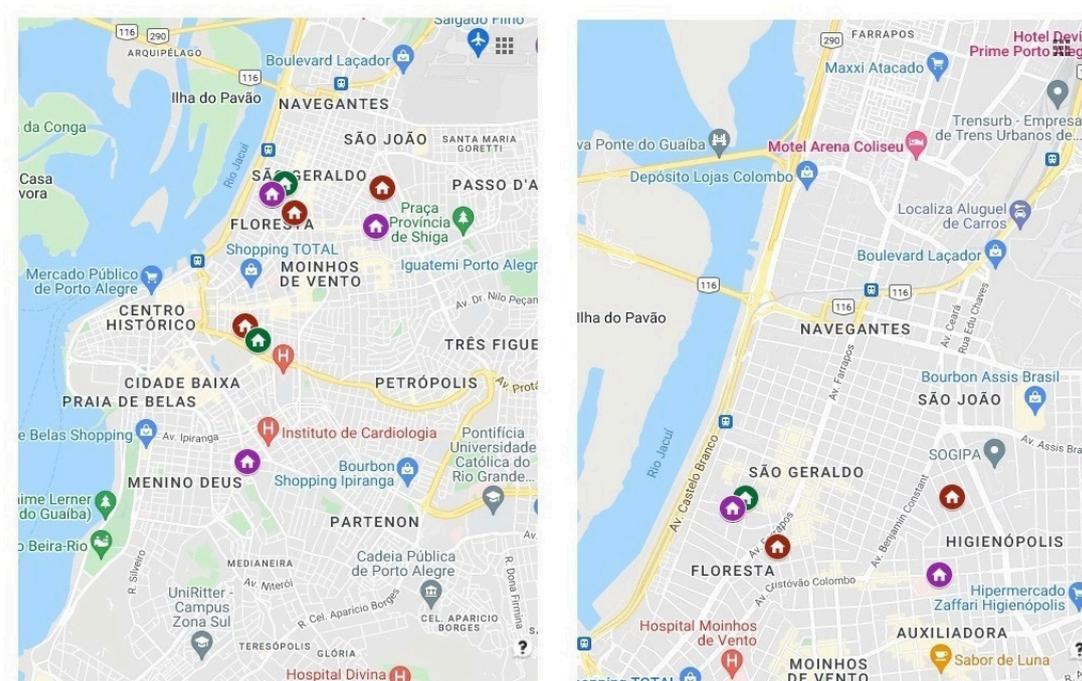
33 A comunidade teuto-brasileira, composta de imigrantes que vinham da Alemanha, da Áustria e de outros países europeus, além de migrantes que se deslocavam das zonas coloniais para a capital, era bastante significativa, mas havia também outras comunidades que viviam no Quarto Distrito, formando uma região plural em termos étnicos. Ver FORTES, op. cit., p. 119-175.

34 **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 5, 9 abr. 1925; p. 5, 10 abr. 1925; p. 6, 15 abr. 1925.

35 **Der Freie Arbeiter**, Porto Alegre, p. 4, 22 dez. 1923; p. 4, 9 fev. 1924; p. 4, 19 jul. 1924; p. 3, 29 ago. 1925; **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 6, 1 fev. 1924; p. 2-3, 24 out. 1925; p. 3, 15 nov. 1925; **O Exemplo**, Porto Alegre, p. 3, 21 dez. 1924.

localizava apenas a uma quadra dali. Nesses momentos difíceis, marcados pela repressão e pela desagregação, o movimento operário mais radical teve de se fixar em espaços seguros, marcados por uma tradição de luta e solidariedade, que funcionaram como refúgios. Para os militantes comunistas, regiões como o Navegantes e o Bonfim, com suas comunidades operárias e suas tradições de luta sindical, deveriam se apresentar como o melhor espaço para o desenvolvimento de sua organização.

Locais de organização e mobilização do movimento comunista entre 1922 e 1927, com destaque para a área do Quarto Distrito, identificados no mapa atual de Porto Alegre a partir dos recursos do Google My Maps.



🏠 PCB e jornal Martelo e Foice
 🏠 UOV e sindicatos sob sua influência
🏠 Escola Moderna e Liga Cultural Israelita

Nos anos seguintes, o Grupo Comunista de Porto Alegre continuou concentrando suas atividades no Quarto Distrito, mais especificamente na região dos Navegantes. As datas de 1º de maio de 1925 e de 1926 foram marcadas pela exibição de filmes soviéticos e por palestras no Cine-Theatro Thalia, na avenida Eduardo, n. 29 (post. avenida Presidente Roosevelt, n. 1.362), que era um dos maiores cinemas da região.³⁶ Apesar da importância dessa área da cidade para a militância comunista, era necessário ter um projeto que avançasse para outros segmentos da classe trabalhadora. Para isso, os militantes teriam de mudar sua forma de atuação política, sindical e territorial, indo para além do Quarto Distrito.

36 PEIXOTO, op. cit., p. 65-66.

A criação do Bloco Operário e Camponês e a ação comunista para além do Quarto Distrito (1927-1930)

O ANO 1927 MARCOU uma nova inflexão na trajetória dos comunistas de Porto Alegre. Washington Luís substituiu Artur Bernardes na Presidência da República, permitindo um breve período de distensão e de abertura política, momento em que o Partido Comunista do Brasil conseguiu agir mais abertamente. Esse momento também foi o de lançamento do Bloco Operário (depois Bloco Operário e Camponês), no Rio de Janeiro, uma frente de entidades políticas e sindicais, com objetivos eleitorais, que buscava mobilizar a classe trabalhadora sob hegemonia comunista. Em Porto Alegre, os comunistas transformaram o ato de 1º de Maio, no Cine-Theatro Thalia, em uma atividade pública chamada pelo próprio PCB. Esse momento de legalidade foi curto, já que a Lei Celerada, promulgada em agosto daquele ano, jogava novamente os comunistas na ilegalidade, mas esse breve período de tempo serviu para um princípio de reestruturação.³⁷

Naquele momento, os comunistas só tinham influência na União dos Ofícios Vários e no Sindicato dos Vidreiros, que se reuniam no Salão Hoffmann, na rua do Parque. Uma maneira de tentar influenciar outros grupos sociais foi a formação da Liga Pró-México Anti-imperialista, em outubro de 1927, sob a presidência do professor Jorge Bahlis, cuja ação visava congregar intelectuais que apoiavam a luta contra o imperialismo a partir da solidariedade à Revolução Mexicana. Essa nova organização também demandava uma nova territorialidade, inclusive por conta de sua base social, já que as principais instituições educacionais e burocráticas se localizavam no centro da cidade. A sua primeira sede foi na rua Voluntários da Pátria, n. 455; mudando depois para a rua dos Andradas, n. 1.305, e para a praça Parobé, n. 12 (atual n. 64). Esse último endereço, ocupado a partir de janeiro de 1928, tornou-se a sede do PCB e das principais atividades comunistas até o final da década de 1920.

O Bloco Operário e Camponês foi fundado em Porto Alegre em finais de abril de 1928. Apesar da centralidade do BOC para o PCB no restante do país, na capital gaúcha o maior peso era dado à Liga Pró-México Anti-imperialista, o que resultou em um conflito entre o grupo de intelectuais e os militantes sindicais. O advogado Ugo Ungaretti enviou uma carta ao CCE reclamando da atuação sectária da principal liderança comunista, Luis Cuervo, da ignorância dos militantes e da quantidade de estrangeiros no grupo, informando que estava organizando um novo Comitê Regional. O CCE desautorizou Ungaretti, defendendo o caráter proletário do partido e condenando qualquer atividade paralela ao Comitê Regional, inclusive questionando a filiação do advogado. Em outubro de 1928, respondendo a essas fragilidades, o Comitê Regional e o BOC foram reorganizados, e a liga também mudou seu nome, tornando-se apenas Liga Anti-imperialista.³⁸

37 KAREPOVS, op. cit., p. 179-254; PEIXOTO, op. cit., p. 68-76.

38 MARTINS, Marisângela Teresa Antunes. **À esquerda de seu tempo**: escritores e o Partido Comunista do Brasil. 2012. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal

A maior inflexão ocorreu em 1929, com a chegada de dois militantes enviados pelo CCE para mudar a ação do PCB na capital gaúcha, Plínio Mello e Hersch Schechter, que tinham, respectivamente, a tarefa de reorganizar o BOC e o movimento sindical. Essa mudança de postura já é percebida na atividade de 1º de Maio, pois, no lugar de um evento de formação doutrinária, foi realizado um grande comício em frente à Intendência Municipal. Os comunistas deixavam de privilegiar atividades formativas, com palestras e debates, para se concentrar em uma política de agitação de massas.³⁹

No plano sindical, os comunistas organizaram a Confederação Regional do Trabalho (CRT), como parte do esforço para a realização de um Congresso Operário Nacional e a formação de uma Confederação Geral do Trabalho. Da Conferência Regional, ocorrida em 9 de abril, participaram, além da CRT, o Centro dos Jovens Proletários; a União dos Trabalhadores em Trapiche; a União dos Operários em Fábricas de Tecido; a comissão organizadora da Associação dos Trabalhadores da Viação Férrea; a União dos Trabalhadores em Restaurantes, Bares e Hotéis; a União Riograndense dos Vidreiros; e a União Beneficente da Usina de Força e Luz. Ao longo do ano, outras entidades de classe passaram para a órbita da CRT, como a União dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica; a União dos Trabalhadores Gráficos; a Associação Protetora dos Trabalhadores em Calçados, Couros e Peles; e a União dos Trabalhadores em Metalurgia e Construção Naval.

Com a formação da CRT, os comunistas deixavam, definitivamente, de organizar os trabalhadores por meio de seus ofícios para associá-los a partir dos ramos de indústria. Essa orientação estava mais consoante à proposta do PCB, mas também acompanhava as mudanças que a classe trabalhadora porto-alegrense sofrera ao longo da década, com o crescimento populacional, a difusão de serviços e o surgimento dos grandes complexos fabris no Quarto Distrito, fruto da concentração de capitais ao longo da década. Essas mudanças também se refletiram nas ações públicas do BOC, que havia lançado a candidatura de Plínio Mello para a Assembleia de Representantes Estaduais, com comícios sendo realizados em frente à Fábrica de Móveis Gerdau, à Fábrica de Chocolates de E. Neugebauer e na Serraria S. Muller.

As mudanças de organização e de formas de mobilização resultaram em mudanças territoriais. Em primeiro lugar, tanto o BOC quanto a CRT (que eram as faces legais do PCB) passaram a concentrar suas reuniões no centro de Porto Alegre, na sede da praça Parobé, próximo do mercado público. Isso trazia a vantagem de articular uma vasta gama de trabalhadores e trabalhadoras que viviam em locais diferentes, mas que tinham no centro da cidade seu ponto de convergência. Para se obter uma verdadeira mobilização de massa, que atingisse toda a classe trabalhadora da capital, era necessário ir além do Quarto Distrito.

do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. p. 62-87.

39 PEIXOTO, op. cit., p. 108-129.

Algumas entidades sindicais realizavam reuniões fora da sede do BOC e da CRT, como era o caso da União dos Operários em Fábrica de Tecidos, que se localizava na avenida Eduardo, n. 528 (atual avenida Presidente Roosevelt); a Associação dos Trabalhadores em Vidros e Louças, que se encontrava na Sociedade Húngara, na rua Itália, n. 510 (na atual avenida Santos Dumont), e no Café Brasil, na avenida Eduardo, n. 1.465; e a União dos Operários em Trapiche, que se reunia na rua Pereira Franco, n. 316. Todos esses endereços ficavam no Quarto Distrito.⁴⁰ Para observar melhor a mudança territorial do movimento comunista, é necessário voltar os olhos para o Bloco Operário e Camponês e para suas organizações auxiliares.

Logo após as eleições para a Assembleia dos Representantes (em que Plínio Mello não foi eleito), o BOC passou a criar núcleos em diferentes arrabaldes de Porto Alegre. Em maio foi criado o núcleo da Tristeza; logo após, o núcleo de Navegantes e São João e, posteriormente, o núcleo de Montserrat. Também foi instalado um núcleo do BOC no Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecido.⁴¹ Desses núcleos locais, o de Navegantes e São João teve reuniões no tradicional Salão Hoffmann e na rua Ernesto da Fontoura, n. 220;⁴² quanto à Tristeza, existem informações de um encontro no Clube Tristezense⁴³ e não temos informações sobre a sede do Montserrat. Os dois últimos núcleos indicam uma maior diversidade na base da classe trabalhadora que se desejavam atingir. O arrabalde da Tristeza era uma comunidade rural, com um grande número de camponeses de origem italiana que abasteciam a capital com sua produção de alimentos;⁴⁴ o arrabalde do Montserrat era um dos principais territórios negros da capital, onde se destacava a presença dos trabalhadores nas pedreiras e das lavadeiras que labutavam nas bicas d'água de suas ruas.⁴⁵

Ainda em relação a uma maior abrangência e diversidade na mobilização da classe trabalhadora, pode-se citar o trabalho das “organizações auxiliares” do BOC, como o Centro dos Jovens Proletários, que procurava atrair militantes a partir de questões específicas da juventude, e o Comitê das Mulheres Trabalhadoras. Nesta última entidade, atuavam militantes como Dolores Robles, Eugenia Gelski e Hilda Piatigorski, que tinham a importante tarefa de organizar as operárias em um momento marcado pelo avanço da presença feminina nas fábricas, especialmente nas grandes tecelagens, como a Fábrica Renner e a Rio Guahyba. Assim como os jovens proletários, as trabalhadoras se reuniam na sede da praça Parobé.

A Federação de Desportos Proletários (FDP) merece uma especial atenção: ela era organizada por Jacob Koutzii, reunindo clubes de empresa ou clubes populares. Sua fundação ocorreu em março de 1929, contando com os seguintes membros: Centro dos

40 **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 7, 3 out. 1929; p. 7, 15 out. 1929; p. 10, 12 nov. 1929; p. 5, 13 nov. 1929.

41 PEIXOTO, op. cit., p. 132.

42 **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 11, 9 jul. 1929; p. 9, 1 out. 1929.

43 **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 9, 23 dez. 1929. Nesse período, o clube se reunia no salão de Sócrates Gandolfi, na esquina da rua Armando Barbedo com Venceslau Escobar. Ver PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Edição do Autor, 1979. p. 38-40.

44 PELLIN, op. cit., p. 119.

45 VIEIRA, op. cit., p. 143-158.

Jovens Proletários F. B. C., Esperança F. B. C., Sul Brasileiro F. B. C., Caixeiral F. B. C., Higienópolis F. B. C., Sul América F. B. C., Gaúcho F. B. C. e Marquês de Alegrete F. B. C.⁴⁶ Em junho, quando o regimento interno foi aprovado, os quatro últimos clubes haviam se retirado, mas o G. S. Wilson, o Ideal F. B. C., o Tristezeense F. B. C. e o Alcaraz F. B. C. haviam entrado na federação.⁴⁷ Durante o ano 1929, esses clubes disputaram um campeonato próprio organizado pela FDP.⁴⁸ O futebol era o esporte de mais destaque da federação, mas outras modalidades, como o tênis de mesa, também eram praticadas pelos clubes associados.⁴⁹

As reuniões administrativas da FDP ocorriam no centro de Porto Alegre, na sede da praça Parobé, mas os clubes não eram, majoritariamente, dessa área da cidade. Ao percorrer as notas esportivas do *Diário de Notícias*, descobrimos que o Sul Brasileiro era do Navegantes; o Marquês de Alegrete, do São João; o Tristezeense, da Tristeza; o Caixeiral, da Cidade Baixa; e o Esperança, da Azenha.⁵⁰ Entre os meses de maio e o outubro de 1929, o campeonato da FDP teve suas partidas disputadas em campos que se espalhavam por toda a periferia da capital: no campo do Ruy Barbosa, no Caminho do Meio (atual avenida Protásio Alves); no campo do Sul Brasileiro, na Rua São José (atual Frederico Mentz), nos Navegantes; no campo do Concórdia, na avenida Benjamin Constant, no São João; no campo do Porto, na avenida 13 de Maio (atual Getúlio Vargas) e no campo do Porto Alegre, na rua José de Alencar, ambos no Menino Deus; no campo do Theresópolis, no arrabalde do mesmo nome; no campo do Americano, na rua Larga; e no campo da Rua Veador Porto, ambos no Partenon e na Chácara das Bananeiras, entre os arrabaldes do Partenon e da Glória.⁵¹

É difícil mensurar o impacto que a participação desses clubes e das comunidades vinculadas a eles tivera na militância comunista, mas temos um exemplo de engajamento a partir do futebol. Eloy Martins (que viria a ser um dos principais líderes comunistas do Rio Grande do Sul) se aproximou do BOC a partir da ação de Jacob Koutzii, que lhe ofereceu o jornal *A Classe Operária* depois de vê-lo jogar uma partida pelo Alcaraz Foot Ball Club, time da empresa em que Eloy trabalhava.⁵² A partir desse exemplo, podemos conjecturar que os

46 FEDERAÇÃO Desportos Proletários do Rio Grande do Sul. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 19 mar. 1929.

47 FEDERAÇÃO de Desportos Proletários do Rio Grande do Sul: nota oficial. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 17 jul. 1929.

48 As informações sobre os jogos de clubes populares (incluindo as equipes da FDP) eram publicadas no *Diário de Notícias*. Por esse veículo, fica-se sabendo que o G. S. Wilson foi campeão do Torneio Início 1º de Maio, sendo o S. C. Paladino seu vice-campeão (FEDERAÇÃO Desportos Proletários do Rio Grande do Sul. Torneio Iníitium. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 14, 9 maio 1929). O campeonato da FDP foi iniciado em 12 de maio de 1929, prolongando-se pelos meses seguintes (SUL BRASILEIRO F. B. C. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 9, 12 maio 1929). Infelizmente, o jornal não publicava a classificação do campeonato, tampouco teve acesso a toda a coleção do periódico, por isso não foi possível saber quem se sagrou campeão da competição.

49 Em setembro, aconteceram partidas amistosas de tênis de mesa entre jogadores do Centro dos Jovens Proletários, do Paladino e do Sul Brasileiro, clubes que também disputavam o torneio futebolístico da FDP. Ver FEDERAÇÃO Esportiva Proletária. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 22, 29 set. 1929.

50 **Diário de Notícias**, Porto Alegre. p. 4, 25, set. 1929; p. 20, 13 out. 1929; p. 24, 20 out. 1929; p. 14, 27 nov. 1929.

51 Idem, p. 3, 1º maio 1929; p. 8, 12 maio 1929; p. 12, 22 maio 1929; p. 14, 25 maio 1929; p. 20, 29 set. 1929; p. 18, 13 out. 1929; p. 16, 17 out. 1929; p. 20, 27 out. 1929; p. 20, 17 nov. 1929.

52 STÉDILE, Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea**: clubes de futebol operário em Porto Alegre. Curitiba: Prisma, 2015. p. 188-190.

militantes comunistas circularam nos diversos lugares onde os clubes jogavam suas partidas e se aproximaram de um grande número de operários que viviam fora dos limites do Quarto Distrito, fazendo com que sua influência extrapolasse o espaço industrial da cidade, área em que o PCB havia atuado preferencialmente até aquele momento.

Durante seu período de atuação, o BOC e a CRT promoveram manifestações públicas em memória de datas significativas para a classe trabalhadora e para o movimento comunista como parte de seu esforço por agitar as massas. Durante os anos 1929 e 1930, os comunistas organizaram protestos pelo aniversário da Primeira Guerra Mundial e da execução de Sacco e Vanzetti, e homenagens pelo aniversário da Revolução Russa e pelo dia da morte de Lenin. A manifestação pelos 12 anos da Revolução Russa, em 7 de novembro de 1929, foi precedida de pequenos comícios nos arrabaldes e tornou-se uma grande manifestação pública da classe trabalhadora. No dia marcado, os participantes saíram da praça dos Bombeiros (atual praça Rui Barbosa), seguindo pela rua Voluntários da Pátria, rua Vigário José Inácio, rua dos Andradas, praça da Alfândega, rua 7 de Setembro, chegando à praça Parobé, em frente à sede do BOC, onde foi realizado um comício. A passeata era composta por diversas fileiras que representavam o Comitê das Mulheres, os Jovens Proletários, a CRT e os diversos sindicatos, com bandeiras e cartazes que pediam o reconhecimento da União Soviética, a libertação dos presos políticos e criticavam o imperialismo.⁵³

Sobre a passeata em homenagem ao aniversário da morte de Lenin, o jornal *O Estado do Rio Grande* é mais genérico em sua descrição, apontando que saíram duas colunas, uma da praça dos Bombeiros e outra do campo da Redenção (atual Parque Farroupilha), indicando que percorreram as ruas do centro até a praça Parobé.⁵⁴ Essas duas passeatas eram muito significativas, pois se tratava de grandes manifestações que ocorriam no centro de Porto Alegre, com operários e operárias marchando em colunas por ruas ocupadas, normalmente, pela elite política e econômica da cidade. Tratava-se de uma demonstração de força que carregava uma poderosa força simbólica.

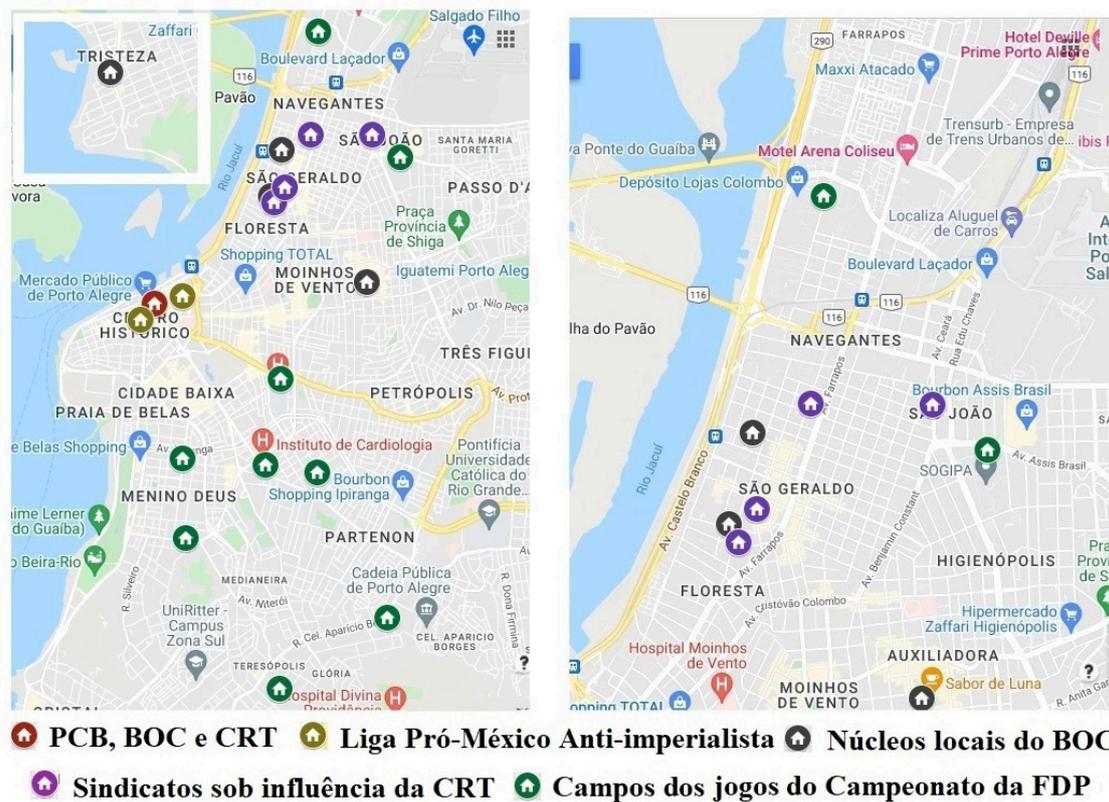
O ano 1929 também foi muito significativo por conta do aumento de conflitos no mundo do trabalho porto-alegrense, fruto da carestia, das más condições de vida e do não cumprimento da recente legislação trabalhista. Em janeiro, diversas fábricas do Quarto Distrito entraram em férias por conta do não cumprimento da Leis de Férias, iniciando um ciclo de paralisações que se estenderia pelos meses seguintes. Algumas dessas greves tiveram participação ativa da CRT, principalmente aquelas que envolviam locais onde os comunistas tinham algum trabalho organizativo. Em maio, os trabalhadores da Viação Férrea paralisaram suas atividades devido à demissão de colegas que tentavam organizar um sindicato; em junho, os comunistas prestaram apoio à paralisação dos operários do Engenho Kessler, Vasconcellos e Cia. e, em

53 AS GRANDES demonstrações promovidas hoje pelo Bloco Operário e Camponês e CRT. *O Estado do Rio Grande*, Porto Alegre, p. 7, 7 nov. 1929; O GRANDE comício de ontem em comemoração ao aniversário da república soviética. *O Estado do Rio Grande*, Porto Alegre, p. 7, 8 nov. 1929.

54 CONGRESSO operário do Rio Grande do Sul. *O Estado do Rio Grande*, Porto Alegre, p. 7, 18 jan. 1930.

setembro, apoiaram os operários da Renner, por conta da demissão injusta de três colegas. Em relação à última greve, o BOC, a CRT e a União em Fábrica de Tecidos organizaram comícios e fizeram uma campanha de arrecadação para auxiliar os grevistas da empresa.⁵⁵

Locais de organização e mobilização do movimento comunista entre 1927 e 1930, com destaque para a área do Quarto Distrito e a Tristeza, identificados no mapa atual de Porto Alegre a partir dos recursos do Google My Maps.



Em setembro e em novembro de 1929, os militantes comunistas tentaram mobilizar os trabalhadores da Carris Porto-Alegrense. Nesse momento, começou a se ensaiar uma repressão mais dura sobre o BOC e a CRT, com denúncias nos jornais acusando uma infiltração comunista entre os trabalhadores dos bondes. O delegado Dario Barbosa infiltrou agentes policiais no movimento operário para identificar as principais lideranças comunistas e isso resultou na prisão e na deportação, para o Rio de Janeiro, de Hersch Schechter, principal organizador do movimento sindical do PCB. O Comitê Central Executivo enviou Marcus Piatigorski para substituí-lo, o que resultou em uma mudança na linha política dos comunistas gaúchos. A partir de novembro, passaram a vigorar com mais força as orientações da Internacional Comunista para o chamado “Terceiro Período”, um momento de crise do capitalismo, quando seria preciso

55 NUNES, Guilherme Machado. “A Lei de Férias no Brasil é um aleijão”: greves e outras disputas entre Estado, trabalhadores/as e burguesia industrial (1925-1935). 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. p. 64-78; PEIXOTO, op. cit., p. 148-153.

radicalizar as ações e abandonar a política de frente com outros grupos e organizações. Isso iria atingir a proposta do próprio BOC, que era pensado como uma frente, visando reunir diversos setores da classe trabalhadora sob hegemonia comunista.

Ao mesmo tempo em que havia uma orientação para radicalizar as propostas e as ações, a repressão aumentou com a proximidade da eleição presidencial de março de 1930. O pleito contrapunha a candidatura situacionista de Washington Luís, representante do Partido Republicano Paulista, à de Getúlio Vargas, presidente do Rio Grande do Sul, que representava a Aliança Liberal. O Bloco Operário e Camponês lançou Minervino de Oliveira e Octávio Brandão como alternativa operária à disputa. No Rio Grande do Sul, o Partido Republicano formou uma aliança com seus adversários do Partido Libertador, buscando uma adesão completa dos eleitores gaúchos. Getúlio Vargas precisava do máximo de votos no estado, necessitando do apoio da classe trabalhadora, por isso houve uma tolerância inicial com o BOC. Depois que os militantes comunistas se negaram a apoiar a Aliança Liberal, a tolerância se transformou em repressão violenta, pois o BOC passou a ser visto como um risco para o sucesso da candidatura varguista.

Uma das últimas grandes ações dos militantes comunistas naquele período foi a realização do Congresso da Confederação Regional do Trabalho em Porto Alegre. Ao final do encontro, foi fundado o Comitê Operário e Camponês Contra a Intervenção Federal e o Separatismo, que se propunha a defender o Rio Grande do Sul contra o governo federal, inclusive requisitando armas para esse fim. Em fevereiro, os militantes do PCB tentam fazer proselitismo entre os soldados da Brigada Militar, fato noticiado com alarde pela imprensa. No dia 14 de fevereiro, a sede do BOC e da CRT, na praça Parobé, foi invadida, resultando na prisão de uma série de lideranças, como Marcos e Leon Piatigorski, Pelayo Ribas, Plínio Mello, Salomão Schwartz e Nicolau Artzvenco. Muitos foram presos e espancados, alguns foram deportados ou enviados para outros estados, o que resultou no desmantelamento do trabalho que havia sido realizado nos últimos dois anos.

Nos processos jurídicos de expulsão do país, surgem informações sobre os locais de moradia de alguns desses militantes: Leon Piatigorski vivia na rua Fernandes Vieira; Simão Borodin e Marcos Piatigorski, na rua Henrique Dias; e Nicolau Artzvenco, na rua da Conceição. Os três primeiros compartilhavam uma vizinhança comum no Bonfim, onde moravam outros militantes comunistas, como Jacob Koutzii. Essas informações mostram uma outra faceta da territorialidade comunista, que se expressava nas relações de vizinhança entre os militantes, para além da atuação voltada para uma região específica da cidade.⁵⁶

Um dos principais problemas desse curto e intenso período entre 1928 e 1930 foi o acento na agitação em detrimento de uma organização mais estável. Além disso, a face

56 A historiadora Bárbara Darski aponta para uma possível origem judaica desses militantes, o que reforçaria as relações de vizinhança na comunidade no bairro Bonfim. Ver DARSKI, Bárbara Beatriz Silveira. **Indesejáveis e perniciosos à ordem pública: uma análise a partir do Rio Grande do Sul varguista (1928-1930)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. p. 42-55.

legal do Bloco Operário e Camponês acabou por fazer com que o Partido Comunista se diluísse na sigla do BOC. O resultado foi uma grande dificuldade em resistir à repressão que se abateu nos primeiros meses de 1930.⁵⁷ Mesmo com esses problemas, se pensarmos a partir de uma perspectiva territorial, a ação dos militantes do BOC e da CRT foi vitoriosa, isso porque eles conseguiram fazer com que o movimento comunista rompesse os limites das regiões onde atuava, levando sua presença para o restante da cidade. A partir de passeatas, de jogos de futebol, de comícios e de reuniões, os comunistas deixavam de estar limitados apenas às regiões industriais do norte de Porto Alegre, projetando sua militância para o restante da cidade.

Considerações finais

NESTE ARTIGO, procurei analisar a territorialidade do movimento comunista em Porto Alegre a partir dos locais de organização e mobilização dos militantes do PCB entre 1918 e 1930. A distribuição espacial dos lugares da militância comunista sofreu mudanças ao longo do tempo, em um movimento que não foi fortuito, mas que estava ligado às modificações na orientação política desse grupo. Em um primeiro momento, após a fundação da União Maximalista, em 1918, essa territorialidade estava muito vinculada ao Quarto Distrito, nos arrabaldes de São João e Navegantes, onde se localizava a região industrial de Porto Alegre. Depois de 1922, em um momento marcado pela dispersão do movimento operário, a militância comunista se fixou nas territorialidades das comunidades imigrantes, mas ainda estava muito vinculada à zona fabril da cidade. A partir de 1927, com a criação de entidades como a Liga Pró-México Anti-imperialista, o BOC, a CRT e a FDP, o movimento comunista conseguiu se projetar para além do Quarto Distrito, fazendo com que sua militância mobilizasse diferentes regiões da cidade. Em 1930, esse processo de expansão territorial da militância comunista foi interrompido pela dura repressão. Caberia a estudos posteriores analisar qual foi o legado dessa nova territorialidade e como ela influenciou a ação militante nos anos posteriores à Revolução de 1930.

Recebido em 18/05/2022

Aprovado em 07/10/2022

57 PEIXOTO, op. cit., p. 146-191.